



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

LÍVIA BRAGA

***JERUSALEM YOUTH CHORUS: A MÚSICA COMO DIÁLOGO NA
PACIFICAÇÃO DO CONFLITO ISRAELENSE-PALESTINO***

**JOÃO PESSOA
2017**

LÍVIA BRAGA

***JERUSALEM YOUTH CHORUS: A MÚSICA COMO DIÁLOGO NA
PACIFICAÇÃO DO CONFLITO ISRAELENSE-PALESTINO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Graduação de Relações Internacionais da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla
Kuhlmann

**JOÃO PESSOA
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B813j Braga, Livia.
Jerusalem Youth Chorus [manuscrito] : a música como diálogo na pacificação do conflito israelense-palestino / Livia Braga. - 2017.
29 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2017.
"Orientação : Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. Conflito israelense-palestino. 2. Jerusalem Youth Chorus. 3. Música.

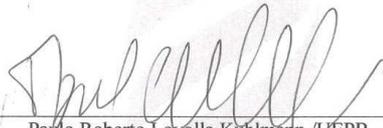
21. ed. CDD 956

LÍVIA BRAGA

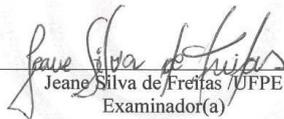
JERUSALEM YOUTH CHORUS: A MÚSICA COMO DIÁLOGO NA PACIFICAÇÃO DO CONFLITO ISRAELENSE-PALESTINO

Monografia apresentada ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado(a) em 12/1 Dezembro 2017.



Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann /UEPB
Orientador(a)



Jeane Silva de Freitas /UFPE
Examinador(a)



Fábio Rodrigo Ferreira Nobre /UEPB
Examinador(a)

A meu pai, meu primeiro mentor, educador, amante da
música e da verdade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor da vida, das artes, da música e de todo o belo que nos cerca.

À parceria eterna (para além desta vida), do meu marido, melhor amigo, companheiro, parceiro de todas as horas, Samuel; pelas ajudas domésticas e emocionais durante toda a graduação.

À minha mãe e irmãs, que embora fisicamente distantes, garantiram as risadas necessárias e quase diárias nos piores momentos.

Aos professores do Curso de Relações Internacionais da UEPB, vocês contribuíram de maneira ímpar com minha formação acadêmica e como cidadã. Aos professores integrantes da minha banca, Fábio e Jeane, por aceitarem o convite de compô-la, vocês representam o modelo de profissional que pretendo ser.

Ao Professor Paulo, meu orientador, que me acolheu muito antes deste trabalho nascer; você foi responsável por colorir minha vida num período cinza que enfrentei. Me incentiva e me impressiona com sua crença num mundo mais justo e humano.

Aos funcionários da UEPB, particularmente Sandra e Niedja pela presteza e atendimento que vão além do burocrático, vocês realmente fazem o impossível acontecer.

Às “Companheiras” de classe Aline, Chris, Ana, Camila, Luiza, Magna, Suzy, Luzia e Alana, pelos cafés, dores, choros e risos compartilhados, não há nada no mundo que pague os momentos de troca que vivemos.

Ao Micah Hendler, por sua generosidade em responder todos os meus questionamentos a respeito do *JYC*, e Adham Hamed pelo seu livro, presente significativo que me norteou durante toda a produção deste artigo.

A todos que passaram pela minha breve vida deixando algo de si, muito obrigada.

“[...] não tenho poder para mudar o mundo, ou qualquer parte significativa dele. Posso apenas mudar a mim mesmo. [...] A questão é que, se eu mudar, em consequência, alguma coisa pode acontecer que conduza a uma mudança no mundo.” Manfred A. Max-Neef

SUMÁRIO

RESUMO	9
INTRODUÇÃO	9
CONFLITO ISRAELENSE-PALESTINO E IDEIA DE CONSTITUIÇÃO DO GRUPO	10
Conflito Israelense-Palestino: Origens e desdobramentos	10
<i>Jerusalem Youth Chorus</i>	14
O GRUPO E SUAS PRÁTICAS	16
Dois povos, uma música.....	16
A Música como diálogo na Construção de Paz	18
O GRUPO E SEUS RESULTADOS, INTERNOS E EXTERNOS	19
Aproximação e Interação entre israelenses e palestinos.....	19
Música: uma possível ferramenta para transformação de conflitos?.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
ABSTRACT	23
REFERÊNCIAS	24

RESUMO

O conflito israelense-palestino tem atravessado gerações de maneira a alterar a vida dos cidadãos na região de Jerusalém. Diversas são as tentativas de pacificação promovidas pelos dois povos, ações militares e político-diplomáticas buscam um entendimento mútuo e conclusivo para ambos os lados. Dada esta conjuntura, percebe-se que a música como ferramenta de diálogo tem conquistado espaço na Construção de Paz, dentro das Relações Internacionais. Posto isso, utilizando o *Jerusalem Youth Chorus* como estudo de caso, este artigo tem como finalidade analisar a música como ferramenta de diálogo no processo de Construção de Paz no conflito entre Israel e Palestina. Considerando uma localidade e tempo específicos, a abordagem teórica se dará a partir dos Estudos para a Paz e da Segurança Humana, na área de Segurança Internacional. Mediante coletas de dados a respeito do coro, de uma revisão bibliográfica e documental relacionada ao tema, a pesquisa busca responder como a música pode ser capaz de, transcender as fronteiras físicas e religiosas e aproximar judeus e palestinos; transformar opiniões preconcebidas a gerações entre estes dois povos; influenciar os participantes do coro a expressar suas crenças e valores culturais, assimilando que esta ação não é doutrinante por parte de um dos lados do conflito, e por fim, ao compartilhar suas realidades, é possível conjecturar que esta prática tenha se propagado e possa alcançar outros nessa região conflituosa.

Palavras-Chave: Conflito israelense-palestino. *Jerusalem Youth Chorus*. Música.

INTRODUÇÃO

O conflito entre os dois povos, israelenses e palestinos, que ocorre desde o final do século XIX, tem como possíveis fatores desencadeadores; uma relação com a terra que perpassa o conceito de posse territorial, este apego cultural pode estar relacionado à economia, dada à riqueza de recursos naturais na região, como petróleo; à sua geografia, pois se localiza entre os continentes asiático e africano, posição privilegiada para transações econômicas; e também ao religioso, visto que as religiões consideradas monoteístas praticadas ao redor do mundo, Cristianismo, Judaísmo e Islamismo se originaram aqui.

Diante dessa conjuntura político-religiosa, o *Jerusalem Youth Chorus* – JYC, usando a música como instrumento para se estabelecer uma interação entre jovens e adolescentes, promove encontros com o objetivo de fomentar as amizades e transformar preconceitos perpassados durante gerações por ambos os lados, além de, estimular o diálogo, parte fundamental na Construção de Paz.

Destarte, o artigo busca responder como a música pode ser capaz de, em primeiro lugar, transcender as fronteiras físicas e religiosas e aproximar israelenses e palestinos; segundo, verificar quais as estratégias foram utilizadas para transformar opiniões preconcebidas a gerações entre estes dois povos, por meio do JYC; terceiro, como se dá o processo de influenciar os participantes do coro a expressar suas crenças e valores culturais, de maneira não doutrinante por parte de um dos lados do conflito, e por fim, ao compartilhar

suas realidades, é possível conjecturar que esta prática possa se propagar e alcançar outros nessa região conflituosa.

A hipótese aqui levantada considera que a utilização da música como ferramenta de diálogo, desenvolvida pelo *Jerusalem Youth Chorus*, contribui com a aproximação de israelenses e palestinos em zona de conflito, assim também como tem o poder de transcender fronteiras culturais e religiosas, reintegrando a comunicação e promovendo a pacificação entre as partes, através do exercício musical.

Para melhor compreensão do presente objeto de estudo, o artigo subdivide-se nas seguintes seções; primeiramente, abordará a origem, os desdobramentos do conflito israelense-palestino e, o surgimento do coro. As especificidades, desenvolvimento e práticas do grupo, compõem a segunda parte. Os resultados internos e externos alcançados pelo grupo são expostos na terceira seção. E por fim, a última parte apresenta a influência da música na zona de conflito.

CONFLITO ISRAELENSE-PALESTINO E IDEIA DE CONSTITUIÇÃO DO GRUPO

Conflito Israelense-Palestino: Origens e desdobramentos

No ano em que se completa 50 anos da Guerra dos Seis Dias e às vésperas dos 70 anos de criação do Estado de Israel, a Palestina ainda espera e reivindica seu território, perpetuando um conflito – entre israelenses e palestinos – que atravessa gerações. As consideráveis disputas políticas, econômicas e religiosas que perduram nessa região ocorrem desde o final do século XIX, conforme explica Gomes (2001), “O movimento nacionalista árabe surgiu no mesmo período histórico do surgimento do movimento nacionalista dos judeus europeus, em meados do século XIX” (GOMES, 2001, p. 17).

De acordo com Gomes (2001), “Os primeiros judeus da Europa chegaram à Palestina nos últimos anos do século XIX, quando a mesma era parte do Império Otomano, e, pela primeira vez estiveram em confrontação direta” (GOMES, 2001, p. 17). A relação entre os judeus – recém-chegados ao território palestino – com os cidadãos locais, no início foi harmoniosa, entretanto, as divergências sobre exploração dos recursos naturais como água e terras férteis, começaram a se intensificar a partir da década de 1880.

Após a Segunda Guerra Mundial, afirma Zucchi (2014) que, com a derrota do nazismo e a repercussão de sua violência no cenário mundial, contra judeus europeus, uma comoção generalizada – particularmente Estados Unidos e o restante do Ocidente – provocou a possibilidade de criação de um Estado israelense. Enquanto isso, um conflito na Palestina se

desenvolvia, entre israelenses e palestinos; o império britânico ocupava a região, entretanto não pode impedir o enfrentamento entre os dois povos.

Não conseguindo conter o número crescente de imigrantes judeus ilegais em território palestino, Londres, em 1947 solicitou à ONU uma atenção a respeito desta demanda, a Questão Palestina. Segundo Gomes (2016), durante assembleia no dia 29 de novembro de 1947, houve a partilha do território palestino entre os dois povos, e no dia 14 de maio de 1948 o Estado de Israel foi criado, ficando 55% de área para israelenses e 45% para palestinos.

Mesmo após os israelenses terem se estabelecido como Estado, Gherman (2014) argumenta que não havia entendimento entre os governos israelense e palestino. Na visão dos israelenses, os palestinos sempre estariam sob suspeita, deveriam ser controlados para se manter a segurança dos cidadãos israelenses. Na opinião palestina, os israelenses buscavam somente ocupar suas terras, reproduzindo a ação europeia de colonização.

A partir da década de 1960, afirma Silva (2006) os palestinos criaram a Organização para a Libertação da Palestina – OLP, cujo interesse inicial era reivindicar e lutar por um Estado Palestino. A OLP, tinha o apoio da URSS, enquanto Israel contava com o respaldo dos Estados Unidos. Logo após a instituição da OLP, as questões políticas e territoriais, em ambos os lados, se intensificaram, originando a Guerra dos Seis Dias.

A Guerra dos Seis Dias¹ – vitoriosa para israelenses – ou apenas Guerra de 1967 – como denominada pelos palestinos – sinalizou um novo momento na relação entre os dois povos; a ocupação militar israelense, a política adotada para a implementação e expansão de colônias judaicas em território palestino, provocaram ainda mais dificuldades para que soluções para o conflito fossem encontradas (Silva, 2006).

A Guerra do *Yom Kippur*, em 1973, consistiu a união de países árabes contra Israel, este, mais uma vez vence, mantendo-se na região já ocupada. Entretanto, os palestinos atraem um público favorável à sua causa no cenário internacional. No ano seguinte, “[...] os árabes resolvem utilizar sua maior riqueza, o petróleo, para pressionar os países ocidentais que tendiam a apoiar Israel” (SILVA; PAIVA, 2012, p. 57).

No final da década de 1970, o Acordo de *Camp David* apresentou mais uma tentativa de entendimento entre os povos da região. Consistia em duas partes, ambas relacionadas à paz, uma direcionada ao Oriente Médio, e outra ao Egito, além disso, o documento buscava “[...] o respeito à soberania e a segurança entre os dois países; o reconhecimento do Estado de

¹ “A guerra de 1967 [...], ocorreu em 6 dias (daí o seu nome), mais especificamente entre os dias 5 e 10 de Junho e implicou o colapso das forças armadas do Egito, da Jordânia e da Síria, graças as forças de defesa israelenses. Também resultou na ocupação israelense da Faixa de Gaza, da Cisjordânia, incluindo Jerusalém Oriental, das Colinas de Golã e do Sinai” (SILVA, 2012 apud PIGGOTT, 2008, p. 51).

Israel e a restituição da Península do Sinai ao Egito até 25 de abril de 1982” (MARCONDES; TEIXEIRA, 2012, p. 14). A paz para o Oriente Médio, apresentada no Acordo, abrangia também os palestinos. Estes – acompanhados dos governos de Israel, Egito e Jordânia – deveriam participar das resoluções referentes aos territórios palestinos da Cisjordânia e de Gaza. O tratado de *Camp David* foi a gênese de futuras promessas de paz, como Acordo de Paz de Oslo, em 1993, que consistia em obrigações estabelecidas entre os dois lados, com mediação do presidente norte-americano Bill Clinton.

Os Estados Unidos, em 1998, tentaram novas negociações a respeito das fronteiras do Estado palestino, contudo, os cidadãos palestinos continuaram como refugiados nos Estados árabes vizinhos. Enquanto esperavam uma solução definitiva, um século se despediu, um novo se iniciou, e a paz aguardada pelo Oriente Médio, principalmente por israelenses e palestinos não se concretizou, conforme concluem Silva e Paiva (2012).

No contexto político israelense-palestino, a pacificação buscada através da Segurança tradicional por parte do governo israelense, pode ser percebida nos poderes militar – diante de demolições de residências, na apropriação indevida de terras palestinas, nas expulsões forçadas e nas mortes violentas de cidadãos palestinos – e nos poderes de polícia – ao reprimirem e controlarem o deslocamento de palestinos em estradas, barreiras, túneis e quando efetuam prisões injustificadas de cidadãos palestinos – complementam Huberman e Nasser (2017).

Nesta conjuntura, Marinho (2015) acredita que, “A incapacidade até então de se resolver a questão do Oriente Médio é resultado visível da falta de articulação dos atores envolvidos no conflito e o evidente desequilíbrio de forças” (MARINHO, 2015, p.65) sejam elas políticas ou militares.

Além do conceito de Segurança – amplamente difundido pela teoria Realista de Relações Internacionais – focado num único ator, o Estado; surgem, no início da década de 1990, estudos voltados para a Segurança Humana. Inicialmente elaborados pela Organização das Nações Unidas (ONU), embasados nos direitos humanos, englobam desenvolvimento humano e resolução de conflitos, como aponta Lyra, (2014).

A Segurança Humana identifica os indivíduos e as comunidades como atores; estes, buscam segurança não apenas para evitar ameaças, mas também visam fortalecer suas capacidades. Diferentemente da concepção tradicional de segurança, na qual o uso da força é fundamental, a Segurança Humana, inclui indivíduos e comunidades, e cria medidas de caráter não violento. Tais medidas compreendem ajuda humanitária e de desenvolvimento,

assistência direcionada a áreas econômicas, educacional, ou ambiental, de acordo com Gjorv (2012).

Conforme a assertiva de Tadjbakhsh e Chenoy (2007), corroborando com Gjorv (2012), o conceito tradicional de segurança que se refere à defesa dos Estados de ameaças militares, desmantela-se diante da concepção de segurança humana, que se concentra na proteção de indivíduos e comunidades. Diante disso, ao se estender o conceito de segurança ao indivíduo, concluem os autores, foca-se no seu bem-estar e dignidade, “[...] além da simples existência (sobrevivência) à vida que vale a pena viver [...]” (TADJBAKHS; CHENOY, 2007, p. 09, tradução nossa)².

Enquanto a Segurança Humana apresenta o indivíduo como elemento integrante, importante e visível num conflito, os Estudos para a Paz representam o mecanismo de aplicabilidade para construção e manutenção da paz. Nesse sentido, Mingol e Albert (2009) afirmam que,

Os Estudos para a Paz abordam temas como a agressão e a violência direta que incluem a guerra; a violência estrutural com reflexões sobre as necessidades básicas, o desenvolvimento, a pobreza, e a justiça social; e a violência cultural que incluem as legitimações discursivas e em geral, simbólicas das violências estrutural e direta. Também estudam os conflitos humanos desde os interpessoais aos bélicos e as chamadas relações internacionais. (MINGOL; ALBERT, 2009, p. 72)

Além do conceito apresentado por Mingol e Albert (2009), Oliveira (2017), considera que os Estudos para a Paz, [...] constituem a área de pesquisa acadêmica que incorpora o compromisso mais claro e explícito com a não-violência e a organização pacífica das relações sociais nos níveis local, nacional, regional e internacional” (OLIVEIRA, 2017, p. 149).

Os Estudos para a Paz, surgiram no final da década de 1950, nos Estados Unidos, entretanto, o termo paz, ainda não era o empregado, e sim “[...] “pesquisa do conflito” (*conflict research*), empregada para designar a preocupação com a resolução pacífica dos conflitos em larga escala” (OLIVEIRA, 2017, p. 151). Na Europa, um grupo de pesquisadores europeus, com ideias similares, não temendo o uso do termo na sua integralidade, “[...] optaram por dar uma centralidade a esse termo, colocando o conceito de paz no núcleo do seu projeto intelectual e explicitando a palavra paz no título da sua atividade de pesquisa (*peace research*)” (OLIVEIRA, 2017, p. 151).

Um dos nomes responsáveis pelo desenvolvimento dos Estudos de Paz, o sociólogo norueguês Johan Galtung, não pode ser considerado apenas “[...] como um dos pioneiros em Estudos da Paz, mas como um dos mais importantes teóricos do nosso tempo que as ciências

² “[...] beyond mere existence (survival) to life worth living [...]” (TADJBAKHS; CHENOY, 2007, p. 09).

sociais se referem” (CONCHA, 2009, p. 61, tradução nossa)³. O desenvolvimento da paz, segundo Freire e Lopes (2008) consiste numa “[...] estratégia de consolidação de confiança, que visa criar condições para uma escolha de meios não violentos como resposta ao conflito” (FREIRE; LOPES, 2008, p. 25).

A paz, conceituada por Galtung, vai além da ausência de guerra ou violência direta, ele também insere aos termos novos adjetivos, a violência como estrutural e cultural. Ao unir todos os tipos de violências acima citados, tem-se o chamado o triângulo de violências de Galtung. A violência direta refere-se à violência física e psicológica praticada sobre alguém. A violência estrutural, e de forma indireta é resultado da estrutura social, que por sua vez engloba indivíduos, grupos, regiões, sociedades globais. E a violência cultural, “[...] traduz-se numa rede que legitima os outros dois tipos de violência através do seu sistema de normas e comportamentos” (FREIRE; LOPES, 2008, p. 15).

Para Galtung, os Estudos para a Paz, não apenas se focam na ação, mas na aliança entre investigação e ação, apontam Freire e Lopes (2008).

Jerusalem Youth Chorus

Os seres humanos, sob a ótica dos Estudos para a Paz, baseando-se na concepção de Freire e Lopes (2008), têm a competência de provocar dor entretanto, também podem ser capazes de cooperar, e optar por uma possível solução não violenta, frente à situações conflitantes. “Ignorar esta dualidade e a possibilidade de escolha, é destinar a humanidade a uma vida ‘solitária, pobre, sórdida, selvagem, e curta’, é ‘distorcer as capacidades dos seres humanos, é um idealismo mal intencionado’” (FREIRE; LOPES, 2008, p. 14). A violência pode ser reduzida e talvez eliminada de uma sociedade; este fato se dá por escolha e ação dos atores envolvidos no conflito, influenciados por questões coletivas específicas,

[...] os indivíduos podem escolher entre formas violentas ou pacíficas de gerir os seus conflitos. Mas mesmo em sociedades onde a escolha da violência é minimizada, os indivíduos não perdem a sua capacidade ou vontade de fazer uso da violência. Do mesmo modo, em sociedades onde a violência é uma escolha constante, os indivíduos não perdem a sua capacidade ou vontade de escolher a paz (FREIRE; LOPES, 2008, p. 19).

Diante deste cenário, ao observar a tensão vivida por israelenses e palestinos, considerando-os como atores principais nas áreas do conflito e, buscando-se um entendimento entre as pessoas envolvidas, surge a ideia de se estabelecer uma comunicação entre as partes,

³ “[...] como uno de los pioneros em los *Estudios para la paz*, sino como uno de los teóricos más importantes de nuestros tempos en lo que as ciências sociales se refiere” (CONCHA, 2009, p. 61).

através da música. Por mais de uma década, o maestro Hendler tem pesquisado e estudado a correlação entre música e transformação de conflitos, “Especificamente, ele se concentrou em como a criação coletiva de música pode formar uma comunidade e promover a identidade compartilhada, mesmo através das fronteiras do conflito” (JYC, 2012, p. 5, tradução nossa)⁴.

Além de sua graduação em Música e Relações Internacionais pela Universidade de Yale, nos Estados Unidos, Hendler – membro da *Forbes Under 30 Community*⁵, presidente desde 2015 da *AMENDS Global Fellows*⁶, uma rede de *changemakers*⁷ na região MENA que compreende Oriente Médio e Norte da África – foi motivado por suas experiências pessoais para criar o coro;

Tenho cantado toda a minha vida. Cantar é a maneira que eu sou mais feliz. É a forma que me conecto a outras pessoas; especificamente, é o jeito como encontro o comum. Quando eu estava no Ensino Médio, vi que, se eu começasse um grupo de cantores, eu poderia criar uma comunidade para outras pessoas e mostrar a outras pessoas que elas poderiam cantar e dar-lhes o presente de poder conectar-se a outras pessoas, através da música (HAMED *apud* HENDLER, 2016, p. 65, tradução nossa)⁸.

Após seu contato com projetos envolvendo transformação de conflitos com adolescentes, no acampamento *Seeds of Peace*⁹, em 2004, no estado do Maine, Estados Unidos, o maestro Hendler queria compartilhar suas ideias; assim resolveu ir a campo e desenvolver uma pesquisa sobre Educação para a Paz, utilizando em seu projeto a música como diálogo.

Através da experiência no acampamento *Seeds of Peace*, o maestro Hender afirmou ter aprendido muito a respeito do Oriente Médio, sobre resolução de conflitos e diálogo. Também observou que a música poderia realizar mudanças – assim como aconteceu em sua vida – a música poderia conectar pessoas, reestruturar uma comunidade afetada pela guerra, gerando

⁴ “Specifically, he has focused on how collective musicmaking can create community and foster shared identity, even across boundaries of conflict [...]” (JYC, 2012, p. 5).

⁵ “A revista *Forbes* anualmente seleciona jovens empreendedores brilhantes para entrarem na lista de novos grandes talentos e agentes de mudança em 20 diferentes setores profissionais (MESSINGER, 2017)

⁶ “[...] uma iniciativa colaborativa liderada por estudantes, interessada na promoção da compreensão e respeito em todo o Oriente Médio e no apoio de uma geração de líderes que estão trabalhando para estimular o desenvolvimento social e econômico concreto na região MENA” (STANFORD AMENDS, 2017).

⁷ “[...] é uma comunidade global on-line que incentiva e apoia indivíduos no seu papel de agente de mudança através da inspiração, orientação e colaboração com outros membros da comunidade que estão em diversos estágios do ciclo do “ato da mudança” (CHANGEMAKERS ASHOKA, 2016).

⁸ “I have been singing for my whole life. Singing is the way that I am happiest. It is the way that I connect to other people; specifically it is the way that I find community. When I was in high school I saw that if I started a singing group I could create a community for other people and show other people that they could sing and give them the gift of being able to connect to other people through song” (HAMED *apud* HENDLER, 2016, p. 65).

⁹ *Seeds of Peace*, uma organização estadunidense não-governamental que mantém um acampamento de verão no Maine para adolescentes israelenses e árabes – assim como adolescentes de outras regiões em conflito no mundo e no interior dos Estados Unidos. (HENDLER, 2011, 39)

um sentimento de identidade comum entre dois povos, a exemplo do cenário israelense-palestino.

A ideia testada pelo maestro, de reunir jovens dos dois lados do conflito, chamada ‘hipótese de contato’ baseia-se numa “[...] teoria que afirma que reunir grupos de pessoas hostis, nas condições corretas, pode reduzir o preconceito e melhorar as relações intergrupais” (HENDLER, 2011, p. 12, tradução nossa)¹⁰. A hipótese de contato, apontada pelo maestro, foi desenvolvida pelo psicólogo social Gordon Allport, na década de 1950, e tinha como objetivo unir brancos e negros nos Estados Unidos. Esta teoria constitui-se de alguns fatores como; os grupos devem estar na mesma posição, ou seja, as regras devem ser as mesmas para ambos os lados; para que as amizades intergrupais se estabeleçam, para tanto se faz necessário a constância dos encontros; e por fim, um objetivo que requeira o esforço dos dois lados, pode ser aplicado resultando-se a proximidade esperada.

Assim, baseando-se na hipótese de contato, em 2012, o maestro Hendler criou o coro jovem de Jerusalém; *Jerusalem Youth Chorus*. Após percorrer escolas dos dois lados da cidade, o maestro afirmou que 35 jovens foram selecionados, de um total de 80, que compareceram as audições, a maioria residente no lado Oriental, pontua Kershner (2015).

De acordo com Hamed (2016), para a criação do *Jerusalem Youth Chorus*, o maestro Hendler também se inspirou em outras iniciativas multilaterais do Oriente Médio, que buscavam promover a paz através música, como por exemplo, a orquestra *Divan West-Eastern*¹¹ e o projeto *Heartbeat Jerusalem*¹².

Como demais atividades do *Jerusalem Youth Chorus*, pode-se elencar a existência de um grupo menor, um subconjunto ou coro de câmara que realiza uma reunião adicional; o *Alumni Program*, que capacita alunos para cursos de facilitação com foco nos diálogos de todo o grupo. As apresentações do coro consistem em concertos, eventos sociais, retiros, e viagens a outros países, sempre com o objetivo de demonstrar o projeto que une música e diálogo como ferramentas para transformação de conflitos.

O GRUPO E SUAS PRÁTICAS

Dois povos, uma música

¹⁰ “[...] a theory that states that simply bringing hostile groups of people together, under the right conditions, can reduce prejudice and improve intergroup relations” (HENDLER, 2011, p. 12).

¹¹ “Uma orquestra criada por Edward Said e Daniel Barenboim que reúne músicos clássicos de Israel, Palestina e outros países árabes” (HAMED, 2016, p. 66).

¹² “Um projeto que combina música e *rap*, com o diálogo político” (HAMED, 2016, p. 66).

O coro, que atualmente é composto por trinta jovens adolescentes de Ensino Médio, de diferentes origens sociais, com idade média entre 14 e 18 anos, na qual metade dos participantes é árabe – sendo este último grupo dividido em cristãos e muçulmanos – se reúne semanalmente para ensaiar e dialogar. Devido a uma tradição do gênero vocal árabe *mawwal*, que se baseia em poesia, os jovens palestinos espontaneamente são mais atraídos pelo canto coral. Por outro lado, as jovens palestinas – de famílias muçulmanas conservadoras – são mais propensas a ir para casa depois da escola, não se dirigem ao lado oeste da cidade de Jerusalém para cantar com os israelenses, (Kershner, 2015).

Em virtude da participação das jovens palestinas ser em menor número no coro – que é dividido em quatro naipes¹³ – as vozes femininas soprano e contralto são compostas principalmente por israelenses; os timbres tenor e baixo são ocupados inteiramente por jovens palestinos, (Slavin, 2015). Atribui-se a isto o fato do canto não ser recebido de maneira favorável no lado israelense.

O maestro Hendler conduz os ensaios principalmente em inglês, porém, às vezes se comunica em hebraico e árabe. Os jovens nesse aspecto demonstram empatia traduzindo entre si conforme necessário. A música, conforme Pruitt (2011) ressalta, desempenha um importante papel na comunicação, visto que a mesma, não necessita de tradução. Quando um indivíduo se percebe incapaz de integrar um processo de diálogo falado, seja por inabilidade verbal seja por estruturas sociais que impeçam essa interação, em alguns casos, possivelmente, a música promoverá outra forma de comunicação (apud Schirch, 2005).

Pruitt (2011), destaca que os modos verbais certamente desempenham importante papel na construção da paz, contudo, há outros métodos possíveis para se conduzir um diálogo objetivando a construção da paz, como podem ser identificados na prática musical refletida no repertório do JYC. O repertório utilizado pelo coro combina a harmonia ocidental e o ritmo árabe; as músicas cantadas em inglês, hebraico e árabe, contêm frases que enfatizam a importância do outro.

Segundo a observação de Hendler (2011), “[...] a criação de um conjunto compartilhado de valores e crenças entre grupos em conflito pode constituir numa nova identidade cultural compartilhada” (HENDLER, 2011 apud ROBERTSON 2010, p. 26, tradução nossa)¹⁴.

¹³ “A voz pode ser dividida, no canto, em seis subtipos a seguir: soprano, mezzo-soprano e contralto (para as vozes femininas); tenor, barítono e baixo (para as vozes masculinas)” (CRUZ *et al.*, 2004, p. 423)

¹⁴ “[...] the creation of a shared set of values and beliefs between conflicting groups can create the foundation of a new shared cultural identity” (HENDLER, 2011, p. 26).

O *JYC* sempre encerra suas apresentações com uma música composta por seus participantes, que através dela externam suas aspirações e os obstáculos que enfrentam para mudar a realidade local. Quando israelenses e palestinos compartilham uma mesma melodia e letra, estes dois povos podem se olhar e não ver um inimigo, mas sim um reflexo de si.

A Música como diálogo na Construção de Paz

Na observação de Robertson (2013), ao se conjecturar que as crenças de um indivíduo em algo podem influenciar ou determinar seu comportamento, “[...] então a música pode realmente ter um papel positivo a desempenhar na transformação de conflitos” (ROBERTSON, 2013, p. 19, tradução nossa)¹⁵.

De acordo com Hendler (2011), “A música tem sido usada como uma força sócio-política ao longo do conflito israelense-palestino” (HENDLER, 2011, p. 20, tradução nossa)¹⁶. Esta afirmação corrobora com a posição de Pruitt (2011), pois, elementos verbais e não verbais da comunicação estão presentes na música, esta, possibilita a criação de novos diálogos para a paz, incentivando os jovens a propagar uma cultura de paz.

Gottesman (2017) considera que a música é capaz de estimular a imaginação, criando espaços para se promover uma cultura de paz, igualdade e liberdade. Nestes espaços os jovens podem ouvir, serem ouvidos, ampliarem suas vozes dentro e entre suas comunidades.

Conforme análise de Robertson (2013), a ideia inicial para transformação de conflitos a partir da música foi precedida por Theodor Adorno, quando ele imaginou uma comunidade pacificada através da arte, sobretudo pela música; possibilitando que as pessoas interagissem livremente sem nenhum tipo de dominação. Robertson (2013) também afirma que, “O filósofo musical Leonard Meyer já havia insinuado a possibilidade da música como um meio de resolução de problemas” (ROBERTSON, 2013, p. 18, tradução nossa)¹⁷. Para Hamed (2016), se a música desenvolvida pelo coro no conflito israelense-palestino,

[...] é entendida como um meio para criar espaços e facilitar o diálogo entre as diferentes partes, que frequentemente conhecem o outro pela primeira vez e se as habilidades de comunicação estão sendo treinadas através da música, a música realizada parece ter uma quantidade considerável de potencial para a transformação de conflitos (HAMED, 2016, p. 73, tradução nossa)¹⁸.

¹⁵ “[...] then music can indeed have a positive role to play in conflict transformation” (ROBERTSON, 2013, p. 19).

¹⁶ “Music has been used as a socio-political force throughout the course of the Israeli-Palestinian conflict.” (HENDLER, 2011, p. 26).

¹⁷ “Music philosopher Leonard Meyer had already hinted at the possibility of music as a problem-solving medium” (ROBERTSON, 2013, p. 18).

¹⁸ “[...] is understood as a means to create spaces and facilitate dialogue between different parties, who often meet the Other for the first time and if communication skills are being trained through music, performed music seems to carry a considerable amount of potential for conflict transformation” (HAMED, 2016, p. 73).

Neste sentido, a música desenvolvida pelo maestro Hendler juntamente com o coro, “[...] tem o potencial de expressar coisas que, de outra forma, seriam indescritíveis e criar ressonâncias entre os discursos sobre paz fora da justiça, e de paz fora da segurança” (HAMED, 2016, p.77, tradução nossa)¹⁹. No conflito israelense-palestino, música e diálogo estão interligados. Entretanto, a mola propulsora para mudança neste cenário é a música. Para Robertson (2013), o poder da música, citado por muitos, raramente é esclarecido, como se constitui, suas funções e de quais maneiras pode ser aplicado em determinado contexto. O autor explica que o poder da música consiste na própria crença que ele existe, além de, acompanhar um indivíduo em seus processos sociais, manifesta-se através de formas temporais; no presente, enquanto a música ocorre; no passado, inserido nas memórias, e gerando expectativas para o futuro.

O *Jerusalem Youth Chorus*, além de possibilitar aos jovens o estudo da música, dos exercícios vocais, o coro, considera relevante o diálogo. Um dos requisitos para a entrada no grupo – além de cantar – o participante deve demonstrar o interesse de se envolver na prática do diálogo, desenvolvido antes dos ensaios. O maestro Hendler afirma ser necessário que o participante tenha talento e maturidade emocional para assimilar as discordâncias de ideias que possam surgir ao longo das conversas em grupo. Os ensaios, contam com a presença de facilitadores durante o momento da conversa.

Na concepção de Hamed (2016), se o *JYC* entende que a música tem o poder de transformar o conflito israelense-palestino, se faz necessário que a dimensão política da mesma seja explorada em cada reunião do coro; e que as sessões de diálogo estejam entrelaçadas com a prática musical, e sejam vistas como elementos paralelos de facilitação.

Durante os momentos de diálogo que antecedem ao ensaio, os integrantes do coro, encontram espaço para discutir sobre diversas questões, desde relacionadas às suas realidades como referentes à assuntos políticos específicos do conflito. Tal ação, conforme salienta Hamed (2016), pode ser considerada fundamental, pois, possibilita a reflexão sobre um universo político maior vivenciado pelos jovens e seus papéis diante do cenário conflituoso.

O GRUPO E SEUS RESULTADOS, INTERNOS E EXTERNOS

Aproximação e Interação entre israelenses e palestinos

¹⁹ “has the potential to express things that would otherwise be unspeakable and to create resonances between discourses about peace out of justice and peace out of security” (HAMED, 2016, p. 77).

As histórias particulares, os comportamentos dos integrantes do *Jerusalem Youth Chorus*, funcionam como unificadores dentro do cenário conflituoso. Em determinada circunstância, observada por Hamed (2016), na qual foguetes palestinos eram lançados em direção a Jerusalém, um sentimento de identidade comum entre os jovens cantores se aflorou.

O maestro Hendler (2011) sugere que a relação interpessoal dos participantes do coro, além de conectá-los entre si, enfatiza a individualidade de cada um, reforçando e resgatando sua identidade nacional, étnica. A relação intergruppal ocorre quando os indivíduos de um mesmo grupo interagem coletivamente e estendem este contato a outros grupos. Esta ideia corrobora a de Belkind (2014) na qual afirma;

Uma das premissas em que se baseiam muitas intervenções musicais em conflitos políticos é que as artes performáticas fornecem um lugar para reconhecer e legitimar as identidades intragrupo, ao mesmo tempo em que incentivam a cooperação intergruppal (BELKIND, 2014, p. 17, tradução nossa)²⁰.

Numa cidade onde são raros os encontros étnico-políticos entre diferentes grupos, a prática implementada pelo *Jerusalem Youth Chorus*, possibilita “[...] romper com as dicotomias modernas que são construídas através de comunidades imaginadas” (HAMED, 2016, p. 73, tradução nossa)²¹. O maestro Hendler, juntamente com o coro, têm a possibilidade de imaginar “[...] Jerusalém, uma cidade que tem sido um espaço disputado por tantas décadas e séculos, pode ser diferente, dentro do microcosmo que ele criou junto com seus cantores, no meio de Jerusalém e em meio ao conflito violento” (HAMED, 2016, p. 73, tradução nossa)²².

Neste sentido, Hamed (2016) reitera, caso seja possível os envolvidos imaginarem uma sensação “[...] de segurança em um microcosmo, no meio de Jerusalém, então há um bom motivo para assumir que tal pode encontrar uma correspondência na realidade maior, a cidade de Jerusalém e, finalmente, o Conflito no Oriente Médio” (HAMED, 2016, p. 73, tradução nossa)²³.

Na perspectiva de Gottesman (2017), a junção dos fatores como religião, linguagem, cultura passada pela família, cidade e país onde um indivíduo nasce, constituem sua

²⁰ “One of the premises on which many musical interventions in political conflicts are based on is that the performing arts provide a locus for recognizing and legitimizing intragroup identities while encouraging intergroup cooperation” (BELKIND, 2014, p. 17).

²¹ “[...] breaking with the modern dichotomies that are constructed through imagined communities (HAMED, 2016, p. 77).

²² “[...] Jerusalem, a city that has been a contested home for so many decades and centuries could be different, from within the micro-cosmos he has created together with his singers, in the midst of Jerusalem and in the midst of violent conflict” (HAMED, 2016, p. 73).

²³ “[...]of safety in a micro-cosmos, in the midst of Jerusalem, then there is good reason to assume that such may find a correspondence in the larger reality, the city of Jerusalem and ultimately the Middle East Conflict” (HAMED, 2016, p. 73).

identidade vertical. A identidade horizontal é construída por influências adquiridas ao longo da vida, através da troca, da socialização; contudo, esta, também se inspira na identidade vertical (apud Maalouf, 2001).

À medida que chegamos a uma época de tomar nossas próprias decisões, podemos afetar nossa socialização através de novas experiências e comunidades às quais nos juntamos. Nossa identidade horizontal pode refletir partes da nossa identidade vertical ou não. O conflito entre os dois pode levar à luta pessoal e também abraçar o "intermediário" das múltiplas identidades que todos possuímos (GOTTESMAN, 2017, p. 8, tradução nossa)²⁴.

Neste ponto, surge o interesse pelo potencial dos jovens israelenses e palestinos, construir suas identidades horizontais por meio da interação, diferente das identidades verticais. “De modo algum, esta é uma jornada temporária, mas sim um contínuo desenvolvimento, crescimento ao longo da vida, além de apenas anos de adolescência” (GOTTESMAN, 2017, p. 8, tradução nossa)²⁵. O maestro Hendler atesta que pesquisas para medir o impacto do *JYC*, indicaram mudanças positivas nas atitudes dos membros do grupo, seus amigos e familiares.

Música: uma possível ferramenta para transformação de conflitos?

Para se alcançar resultados significantes no processo de transformação de conflitos, se faz necessário antes de tudo compreender as questões relacionadas à área conflitante. Se o conflito se origina de necessidades básicas não atendidas, provavelmente, de acordo com Robertson (2013), em pouca coisa ou quase nada a música poderia contribuir. “Se o conflito é de identidade e diferenças, a transformação de conflito bem-sucedida requer a aceitação de diferenças e uma melhor compreensão do ‘outro’” (ROBERTSON, 2013, p. 222, tradução nossa)²⁶.

Esta compreensão do outro só se concretiza, quando ambos os lados compartilham do mesmo propósito. Neste sentido, o *Jerusalem Youth Chorus*, mostra ser possível que diferentes camadas sociais, comunitárias, sejam capazes de promover uma transformação de conflitos, pois as “[...] experiências de grupo compartilhadas abrem espaço para descobrir o

²⁴ “As we reach an age of making our own decisions, we can affect our socialization through new experiences and communities we join. Our horizontal identity may mirror parts of our vertical identity or it may not. Conflict between the two can lead to personal struggle and also embrace of the “in-between” of the multiple identities we all possess” (GOTTESMAN, 2017, p. 8).

²⁵ “By no means is this a temporary journey, but rather a continuous becoming and growth throughout life, beyond only adolescent years” (GOTTESMAN, 2017, p. 8).

²⁶ “If the conflict is one of identity and differences, then successful conflict transformation requires the acceptance of differences and a better understanding of the “other” (ROBERTSON, 2013, p. 221-222).

Outro, não como um alienígena, mas como uma pessoa completa, sexual, emocional, mental e espiritual” (HAMED, 2016, p. 98, tradução nossa)²⁷.

Robertson (2013), ressalta que,

[...] a música tornou-se o terreno seguro em que essa nova identidade desejada é explorada, sentida e compreendida, mas de uma maneira completamente musical que, ao longo do tempo, se torna uma nova identidade compartilhada entendida no subconsciente, [...] (ROBERTSON, 2013, p. 226, tradução nossa)²⁸.

Se ambos os lados do conflito desejarem um resultado relativamente igual na transformação deste conflito, cabe apenas definir como esta questão se dará. E é justamente neste ponto, que a música pode executar papel fundamental. Robertson (2013) pressupõe que, “É a crença no poder da música que lhe dá seu poder inicial, mas é a integridade da música em sua vida cotidiana que lhe dá um efeito duradouro” (ROBERTSON, 2013, p. 239, tradução nossa)²⁹.

A música, de acordo com Robertson (2013), já é assimilada como ferramenta para transformação de conflito, contudo, para que haja êxito em sua aplicabilidade, fatores como; objetivos comuns, mudanças comportamentais e de atitudes – como minimização de preconceito – cooperação e vínculo afetivo entre os grupos precisam estar alinhados.

O maestro Hendler acredita que a música é uma viagem, assim como o diálogo e o amor. Estes elementos não podem dissociar-se, ambos cooperam entre si e através deles se torna possível superar o conflito vivenciado em Jerusalém.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, ao se analisar o conflito entre Israel e Palestina, que perpassa séculos, buscou-se apontar sucintamente suas possíveis origens, causas e desdobramentos. Questões políticas, religiosas e até econômicas podem ser apontadas – ora separadas, ora conjuntamente – como desencadeadores de divergências; e diversas formas de aproximação e entendimento entre os cidadãos da região, têm sido propostas, ambas sem êxito.

Diante do cenário conflituoso, mostra-se necessário apontar os elementos constituintes do conceito de Segurança. Após sua breve descrição, aponta-se o surgimento da Segurança Humana, que não se limita apenas em questões físicas, mas, compreende bem-estar como

²⁷ “[...] shared group experiences open up spaces to discover the Other not as an alien being but as a real sexual, emotional, mental and spiritual persona” (HAMED, 2016, p. 98).

²⁸ “[...] music became the safe ground in which this new desired identity is explored, felt and understood but in a completely musical manner that over time becomes a new shared identity understood at the subconscious, (ROBERTSON, 2013, p. 226).

²⁹ “É a crença no poder da música que lhe dá seu poder inicial, mas é a habilidade da música em integrar-se à vida cotidiana que lhe dá um efeito duradouro” (ROBERTSON, 2013, p. 226).

consequência de proteção. Objetivos políticos não podem sobrepor-se as satisfações, as necessidades básicas dos indivíduos. As aspirações destes, devem estar inseridas nas resoluções e estratégias políticas, gerando assim, ações que promovam resoluções de conflitos.

Na tentativa de promover uma aproximação e conseqüentemente uma comunicação entre os povos, israelenses e palestinos, toma-se o *Jerusalem Youth Chorus* como estudo de caso, buscando-se analisar a implementação da música como diálogo entre jovens adolescentes da região em conflito. A partir daí, considera-se essencial aplicar os Estudos para a Paz, para embasar as ações envolvendo o coro, seus integrantes e toda a comunidade envolvida neste processo.

O surgimento do coro, como projeto experimental de pesquisa, desenvolve características específicas que visam à transformação de conflitos, dentre elas, o diálogo. Através dele, os integrantes do coro, tratam assuntos diversos pertinentes a suas realidades; individuais, familiares ou mesmo sobre o próprio conflito.

A hipótese proposta neste artigo, se legitima, ao observar que a atividade desenvolvida pelo *Jerusalem Youth Chorus* transcende as fronteiras culturais e religiosas, aproxima jovens israelenses e palestinos, oferece uma perspectiva de resolução à luta entre os dois povos – conduzida a gerações por procedimentos militares ou políticos – e propõe que as relações entre vizinhos sejam restauradas através da prática musical.

A função atribuída à música neste contexto, ultrapassa o significado relacionado apenas ao texto ou a melodia estudada, aqui, os integrantes do coro quando reunidos para executar uma canção, manifestam, exprimem um sentimento de pertencimento àquele momento, seja no centro de Jerusalém, ou em outro lugar.

ABSTRACT

The Israeli-Palestinian conflict has been going through generations to change the lives of citizens in the Jerusalem area. There are several attempts at pacification promoted by the two peoples, military and political-diplomatic actions seek a mutual and conclusive understanding for both sides. At this juncture, it is perceived that music as a tool for dialogue has gained space in the Peacebuilding, within International Relations. Putting this, using Jerusalem Youth Chorus as a case study, this article aims to analyze music as a tool for dialogue in the Peacebuilding process in the Israel-Palestine conflict. Considering a specific locality and time, the theoretical approach will be based on Studies for Peace and Human Security in the area of International Security. Through data collection about the choir, a bibliographical and documentary review related to the theme, the research seeks to answer how music can be able to transcend physical and religious boundaries and bring together Jews and Palestinians; to transform preconceived views of generations between these two peoples; influence the choir participants to express their beliefs and cultural values, assimilating that this action is not

indoctrinating on the side of the conflict, and finally, by sharing their realities, it is possible to conjecture that this practice has propagated and can reach others in this troubled region.

Keywords: Israel-Palestinian conflict. Jerusalem Youth Chorus. Music.

REFERÊNCIAS

AMENDS. **Our approach**. 2017. Disponível em: < <http://www.stanfordamends.com/our-approach.html>>. Acesso em 10 set 2017.

BELKIND, Nili. **Music in conflict: Palestine, Israel, and the politics of aesthetic production**. 2014. 396 f. Tese (Doutorado), Columbia University. Disponível em: < <https://academiccommons.columbia.edu/catalog/ac:176955>>. Acesso em 10 set 2017.

BERGH, Arild; SLOBODA, John. Music and art in conflict transformation: A review. **Music & Arts in Action**, v. 2, n. 2, p. 2-18, 2010. Disponível em: <<http://musicandartsinaction.net/index.php/maia/article/view/conflictransformation/45>>. Acesso em: 10 set 2017.

CHANGEMAKERS ASHOKA. **Todo mundo pode mudar o mundo**. Sobre nós. 2017. Disponível em: <<https://www.changemakers.com/pt-br/about/changemakers>>. Acesso em: 10 set 2017.

CONCHA, Percy Calderón. Teoría de conflictos de Johan Galtung. **Revista de Paz y Conflictos**. Granada, n. 2, p. 60-81, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=205016389005>>. Acesso em: 10 set 2017.

CRUZ, Tiago Lima Bicalho. GAMA, Ana Cristina Cortes. HANAYAMA, Eliana Midori. Análise da Extensão e Tessitura Vocal do Contratenor. **Revista CEFAC**. São Paulo, v. 6, n. 4, p. 423-428, out-dez, 2004. Disponível em: <<http://www.revistacefac.com.br/edicoes/revista/revista64/Artigo%2012.pdf>>. Acesso em: 10 set 2017.

FREIRE, Maria Raquel; LOPES, Paula Duarte. Reconceptualizar a paz e a violência: Uma análise crítica. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, set 2008, p. 13-29. Disponível em: <<http://rccs.revues.org/614>>. Acesso em: 10 set 2017.

GHERMAN, Michel. Entre a Nakba e a Shoá: catástrofes e narrativas nacionais. **Revista História**, São Paulo, vol. 33, núm. 2, jul-dez, p. 104-121, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=221032780007>>. Acesso em: 10 set 2017.

GJØRV, Gunhild Hoogensen. Security by any other name: negative security, positive security, and a multi-actor security approach. **Review of International Studies**, vol. 38, n.4, p. 835-859. 2012. Disponível em: <http://journals.cambridge.org/abstract_S0260210511000751>. Acesso em: 10 set 2017.

GOMES, Aura Rejane. **A Questão da Palestina e a Fundação de Israel**. 2001. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciência Política, Universidade de São Paulo. São Paulo. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/historia/artigos/i_contemporanea/pdf/teseauragomes.pdf> Acesso em: 20 jul 2017.

GOMES, Paula Lima. **O conflito Israel-palestino: a construção de narrativas, suas disputas e a busca de legitimidades e hegemonias**. 2016. 161f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Comunicacao_GomesPL_1.pdf>. Acesso em: 10 set 2017.

GOTTESMAN, Shoshana. Hear and Be Heard: Learning With and Through Music as a Dialogical Space for Co-Creating Youth Led Conflict Transformation. **Voices: A World Forum for Music Therapy**, v.17. n. 1, nov. 2016. Disponível em: <<https://voices.no/index.php/voices/article/view/857>>. Acesso em: 10 set 2017.

GOTTESMAN, Shoshana. On Nationalism, Pluralism, and Educators Actively Questioning Our Identities. **Journal of Critical Thought and Praxis**, v. 6, n. 2, p. 103-113, 2017. Disponível em: <<http://lib.dr.iastate.edu/jctp/vol6/iss2/7/>>. Acesso em: 20 jul 2017.

HAMED, Adham. **Speaking the Unspeakable: Sounds of the Middle East Conflict**. Springer. UNESCO Chair for Peace Studies - University of Innsbruck/Austria. 2016.

HENDLER, Micah. **Music for Peace in Jerusalem**. 2011. 84 f (Senior Essay) International Studies - Calhoun College. 2012. Disponível em: <<http://traubman.igc.org/hendlerpaper.pdf>>. Acesso em: 08 maio 2017.

HENDLER, Micah. I am a Seed of Peace: Music and Israeli-Arab Peacemaking. **The Yale Review of International Studies – YRIS**, v. 2, n. 2, p. 48-54, Summer 2012. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1982231>. Acesso em: 20 jul 2017.

HUBERMAN, Bruno; NASSER, Reginaldo Mattar. **A “pacificação” da Palestina e a Indústria de Segurança Israelense: Expulsão, Controle Social e Acumulação de Capital**. 9º Congresso Latino-americano de Ciência Política, Associação Latino-americana de Ciência Política (ALACIP), 26 a 28 jul 2017. Disponível em:

<<http://www.congressoalacip2017.org/arquivo/downloadpublic2?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czoZNToiYT0xOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSUZPIjtzOjQ6IjI1NzciO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiMzUzZW10DEyNTkwNDUyMjMzZDAyNzIyY2JlOWIzOTUiO30%3D>>. Acesso em: 10 set 2017.

JYC PRESS KIT. **The YMCA Jerusalem Youth Chorus: Transcending conflict through song**. 2012. 20p. Disponível em: <<http://ymca.jerusalem youthchorus.org/files/JYC%20Press%20Kit.pdf>>. Acesso em: 20 jul 2017.

KERSHNER, Isabel. **Youth Chorus Unites Israelis and Palestinians, at Least for a Few Hours**. The New York Times. Middle East. June 28, 2015, p. A7. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/06/28/world/youth-chorus-unites-israelis-and-palestinians-at-least-for-a-few-hours.html>>. Acesso em: 10 set 2017.

KIS-LEV, Jonathan. **My quest for Peace: One Israeli's Journey From Hatred To Peacemaking**. Goldsmith Press LLC, United States, 2016, 386p.

KONZEN, Carina de Almeida. **Do sionismo à guerra do Yom Kippur—uma análise das quatro guerras Israelo-árabes**. 2014. 69 f. Monografia (Especialização). UNIVATES. Lageado, 2014. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/754/1/2014CarinadeAlmeidaKonzen.pdf>>. Acesso em: 20 jul 2017.

LAZARUS, Ned. **A future for Israeli-Palestinian peacebuilding**. Britain Israel Communications and Research Centre. Julho, 2017. Disponível em: <<http://www.bicom.org.uk/wp-content/uploads/2017/07/A-future-for-Israeli-Palestinian-peacebuilding-FINAL.pdf>>. Acesso em: 03 ago 2017.

LAZARUS, Ned. **Evaluating peace education in the Oslo-Intifada generation: A long-term impact study of Seeds of Peace 1993–2010**. 2011. 483 f. Tese (Doutorado) Filosofia. American University, Washington, DC. Disponível em: <http://dra.american.edu/islandora/object/thesesdissertations%3A264?solr_nav%5Bid%5D=dea5bda6ad3b520546b4&solr_nav%5Bpage%5D=0&solr_nav%5Boffset%5D=8>. Acesso em: 20 jul 2017.

LYRA, Mariana P. O de. Plano Colômbia e Iniciativa Mérida: uma análise à luz da Segurança Humana. **Argumentum**, Vitória - ES, v. 6, n.2, p. 64-75, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/8153/6210>>. Acesso em: 20 jul 2017.

MARCONDES, Andrea Pennacchi; TEIXEIRA, Jônatas Eduardo B. M. **O Papel da Diplomacia Internacional para obtenção da Paz entre Israel e Palestina: Análise do acordo de Camp David de 1979.** In: Encontro de Iniciação Científica. **Anais...** FACULDADES INTEGRADAS ANTONIO EUFRÁSIO DE TOLEDO, Presidente Prudente, SP, v. 8, n. 8, 2012. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/3668/3426>>. Acesso em: 03 ago 2017.

MARINHO, Havana Alicia de Moraes Pimentel. **Ocupação israelense na Palestina: colonialidade, geopolítica e violações de direitos.** 2015. 132 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, Instituto de Economia, UFRJ. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/pped/dissertacoes_e_teses/TESE_PEPI_HAVANA_MARINHO.pdf>. Acesso em: 03 ago 2017.

MAX-NEEF, Artur Manfred. **Desenvolvimento à escala humana: concepção, aplicação e reflexões posteriores.** Edifurb, Blumenau, 2012.

MINGOL, Irene Comins; ALBERT, Sonia París. Los centros de estudios de la paz, conflictos y prevención de la guerra. Movimiento por la Paz, el Desarme y la Libertad. **Tiempo de paz**, n. 92, 2009, p. 68-74. Disponível em: <<http://repositori.uji.es/xmlui/handle/10234/25224>>. Acesso em: 20 jul 2017.

MESSINGER, Carlyn. **Descubra porque eles entraram na lista ‘30 abaixo de 30’ da Forbes. Bureau de Assuntos Educacionais e Culturais do Departamento de Estado.** SHARE AMERICA. 2017. Disponível em: <<https://share.america.gov/pt-br/descubra-porque-eles-entraram-na-lista-30-abaixo-de-30-da-forbes/>>. Acesso em: 03 ago 2017.

OLIVEIRA, Gilberto Carvalho. Estudos da paz: origens, desenvolvimentos e desafios críticos atuais. **Revista Carta Internacional**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, 2017, p. 148-172. Disponível em: <<https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/611/343>>. Acesso: 03 ago 2017.

PRUITT, Lesley. Creating a Musical Dialogue for Peace. **International Journal of Peace Studies**, v. 16, n. 1, p. 81-103, Spring/Summer 2011. Disponível em: <http://www.gmu.edu/programs/icar/ijps/vol16_1/4%20Pruitt%20IJPS%20Spring%202011%20cfs%2020111007-1.pdf>. Acesso: 03 ago 2017.

ROBERTSON, Craig. **Singing to be Normal: Tracing the Behavioural Influence of Music in Conflict Transformation.** 2013. 320f. Tese (Doutorado). University of Exeter. May 2013. Disponível em: <<https://ore.exeter.ac.uk/repository/bitstream/handle/10871/14684/RobertsonC.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 jul 2017.

RUDZIT, Gunther. O debate teórico em segurança internacional. Mudanças frente ao terrorismo? **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v. 5, n. 2, p. 297-323, jul.-dez. 2005.

Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/5/1598>>. Acesso em: 20 jul 2017.

SANTANA, Bruna Brasil. **O fenômeno contemporâneo da Jihad e o conceito guerra irregular no atual conflito Israel-Palestina**. 2013. 85 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA. Belém, 2013. Disponível em:

Disponível em:

<<http://ppgcp.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/BRUNA-BRASIL-SANTANA.pdf>>. Acesso: 03 ago 2017.

SILVA, Ana Paula Maielo. **O papel da democracia na construção do Estado Palestino e na resolução do conflito Palestino-Israelense: a oclusão das particularidades**. 2006. 132f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas. UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2006. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/98120/silva_apm_me_mar.pdf?sequence=1>. Acesso em: 03 ago 2017.

SILVA, Ana Paula Maielo. **A política Palestina: construção, dinâmicas e desdobramentos**. 2012. 209f. Tese (Doutorado) – Programa de Doutorado em Ciência Política. Universidade Estadual de Campinas. 2012. Disponível em:

<<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280943>>. Acesso em: 10 set 2017.

SILVA, Daiana Maria da; PAIVA, Eduardo Geraldo Alves. Crônicas de guerras: a questão palestina no contexto do Século XX. **História em Curso**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 51-61, mai. 2012. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/historiaemcurso/article/view/3452>>. Acesso em: 03 ago 2017.

SLAVIN, Barbara. **Jerusalem Youth Chorus bridges Israeli-Palestinian divide**. Al-

Monitor: The pulse of the Middle East. 2015. Disponível em: < [https://www.al-](https://www.al-monitor.com/pulse/originals/2015/06/jerusalem-youth-chorus-palestine-israel.html)

monitor.com/pulse/originals/2015/06/jerusalem-youth-chorus-palestine-israel.html >. Acesso em: 03 ago 2017.

SORJ, Bernardo. Geopolítica e cultura: a trajetória de Israel. UNESP. **História**. São Paulo, v. 33, n. 2, p. 57-71, jul-dez, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v33n2/0101-9074-his-33-02-00057.pdf>>. Acesso em: 03 ago 2017.

TADJBAKSHH, Shahrbanou; CHENOY, Anuradha M. **Human security: concepts and implications**. Routledge. 2007, 272 p.

ZUCCHI, Luciano Kneip. **Implantação do Estado de Israel e a Gênese dos Conflitos Israelo/Árabes**. 2014. 137 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014. Disponível em:
<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/20561/15632>>. Acesso em: 03 ago 2017.